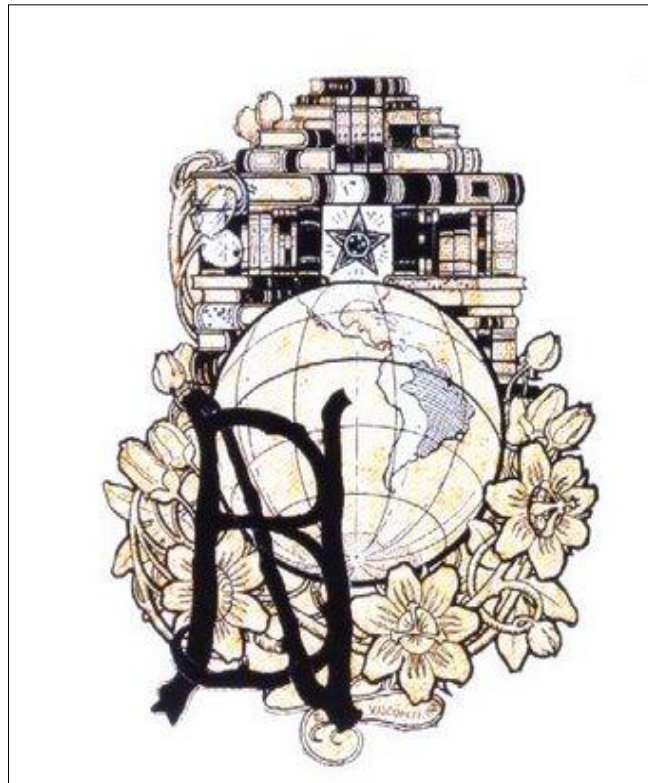


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2014

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Marcelo Monteiro dos Santos

“Descrição de Minha Viagem às Províncias do Rio de Janeiro, Minas
Gerais e São Paulo”: impressões de um caixeiro-viajante

Resumo

Este artigo analisa a trajetória do caixeiro-viajante e posteriormente comerciante, Antônio Joaquim Álvares. Português que emigrou para o Rio de Janeiro na década de 1840, Álvares em viagem pelo interior das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais em 1844, na companhia de seu amo José de São Paulo fez um instigante relato da paisagem natural e humana que encontrou no interior do Brasil. Aqui buscou-se recuperar parte de sua trajetória no Brasil e analisar rapidamente aspectos desse manuscrito que permanece inédito e depositado na Biblioteca Nacional.

Palavras Chave: Narrativas de viagem; Sociedade Oitocentista; Manuscrito; História; Literatura.

PAPÉIS ANTIGOS

Remexendo papéis e arquivos digitais, de Anais e catálogos da Biblioteca Nacional, foi surpreendente encontrar um manuscrito com vagas referências a algumas cidades do interior da província do Rio de Janeiro. Tratava-se de um relato de viagem feito pelo caixeiro viajante português Antônio Joaquim Álvares em 1844, e assim está

catalogado na Biblioteca Nacional: “*Discripção de M^a Viagem ás Provin. Do Rio de Jan^o Minas S. Paulo, no Imperio do Brazil, em comp^a do Snr. João Jozé de S. Paulo, Negociante em Loja de fazendas na Rua da Quitanda n^o 155. 1844*”.¹ O artigo a seguir buscou recuperar a trajetória desse caixeiro-escritor bem e também analisar o relato de sua viagem nos idos do Oitocentos.

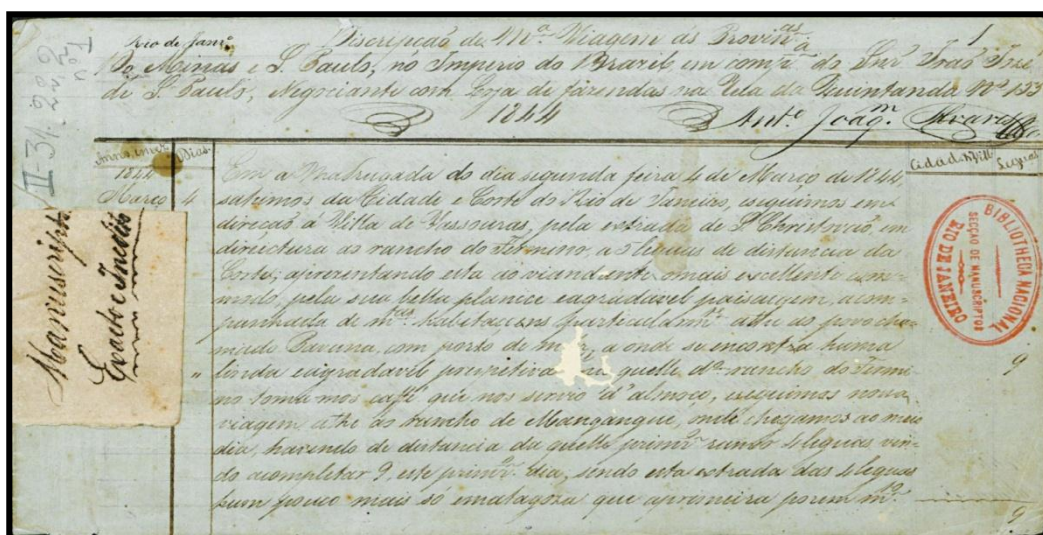


Imagem 1. Primeira folha do manuscrito recentemente digitalizado

A referência ao documento pode ser encontrada nos *Anais da Biblioteca Nacional* publicados em 1986.² Foi “encontrado” a partir de um grande projeto para a catalogação da documentação existente na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional referente à administração no Brasil Império. Segundo Waldir Cunha, o organizador, “[...] a utilização desse Catálogo deverá contribuir para melhor reflexão dos fatos sociais, políticos e econômicos que determinaram a evolução do Estado”.³ A “*Descrição de Minha Viagem...*” é uma narrativa de viagem, gênero bastante apreciado na sociedade Oitocentista. Segundo a descrição do documento, contida nos *Anais*,

A viagem estende-se de março a julho de 1844. Com relação à Província do Rio de Janeiro, em seu roteiro, partindo da Corte, descreve às vilas de Vassouras, Pirai, Barra Mansa, Resende e Valença, além das povoações do Arrozal e Quatis. *O relato é recheado de observações sobre fauna, flora, rios, paisagens, populações e seus costumes, cultivos etc.* De sua publicação, 19 anos depois, no periódico *Madrépora Portuguesa*, sob o título “Viagem

¹ Seção de Manuscritos. Localização II-31,22,2 n^o1. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

² *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol.106. Rio de Janeiro: BN, 1986.

³ *Idem*, p. 57.

Descritiva”, constam 3 recortes dos primeiros números. Original. 200p. 3 impr.⁴ (grifos nossos)

Dentre todos os documentos descritos nessa parte do catálogo há somente essa narrativa de viagem. Elas cumprem bem o papel de ampliar o conhecimento sobre a sociedade brasileira de outrora bem como retratar a paisagem nacional em sua fase de gestação.⁵ Ao longo do século XIX muitos viajantes, de naturezas e intenções diversas, tomaram notas das impressões que tinham sobre os mais variados aspectos de nossa cultura.⁶ Alguns desses manuscritos ainda repousam inéditos nos arquivos.

A TRAJETÓRIA DO CAIXEIRO-VIAJANTE

A pesquisa também se interessou em recuperar a trajetória dos viajantes em questão, a saber: Antônio Joaquim Álvares e João José de São Paulo. A primeira referência foi obtida nos registros acerca da “Movimentação de Portugueses no Brasil”, entre 1808 e 1842.⁷ O negociante João José de São Paulo era de origem portuguesa, tendo chegado ao Brasil em 1841 – a bordo do vapor *Voadora*, com destino à cidade de Campos, norte da província do Rio de Janeiro.⁸ Na descrição feita na abertura do seu relato, Antônio Joaquim Álvares informava que o negociante possuía uma loja de fazendas a Rua da Quitanda, Rio de Janeiro, em 1844. Há uma indicação do mesmo negociante no *Almanaque Laemmert*, em 1851, como “João José de São Paulo & C. Rua da Quitanda”, sugerindo a manutenção de suas atividades como negociante.⁹

A busca pela reconstrução parcial da trajetória de Antônio Joaquim Álvares nos documentos da Biblioteca Nacional revelou um negociante apaixonado pela literatura, que escrevia cartas, enviava presentes ao casal imperial e que transbordava de certa paixão e gratidão pelo Brasil em suas missivas. As cartas recuperadas ajudam a recuperar aspectos autobiográficos da pena do português:

⁴ Idem, p. 87.

⁵ Cf. MATTOS, Ilmar R. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2011.

⁶ Cf. http://bndigital.bn.br/francebr/relatos_viagem.htm. Acesso em: 22/03/14.

⁷ “O Arquivo Nacional com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ, disponibiliza para consulta a base de dados Movimentação de Portugueses no Brasil (1808 - 1842). A base possui 64.194 registros e permite a busca das mais variadas informações, tais como: idade, estado civil, profissão, acompanhantes, locais de residência e moradia, destinos e características físicas”. Cf. <http://www.an.gov.br/baseluso/menu/menu.php>. Acesso em 08/03/14.

⁸ Idem, *Ibidem*.

⁹ *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1851. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/almanak>. Acesso em 06/03/14.

Imperial Senhor

Habitando nesta corte, desde o ano memorável em que V.M.I. veio fazer a felicidade do povo brasileiro subindo ao trono do Brasil. Aqui conto com um estabelecimento comercial, que me dá o meu bem estar, de minha prezada consorte e de quatro queridos filhos brasileiros. [...]. (Álvares, 1858).

Nesta missiva ele oferecia uma memória histórica e genealógica sobre a imperatriz Teresa Cristina. Uma obra sem grande valor literário, mas que denota apreço pela monarquia e pelo país. Faz questão de ressaltar que seus quatro filhos são brasileiros e neste momento já se encontra estabelecido como comerciante. É importante salientar que os documentos que dispomos sobre Antônio Joaquim Álvares são todos das décadas de 1850 e 60.

O português teve uma significativa produção literária (sem julgar aqui o mérito dessa) na segunda metade do século XIX.¹⁰ Mereceu por isso um verbete no *Dicionário Biográfico Português* de Francisco Inocêncio da Silva. Publicando correspondência enviada pelo próprio Álvares:

Sr Inocêncio Francisco da Silva – Rio de Janeiro 22 de Abril de 1861 – Amante e muito apaixonado de nossa literatura pátria, tenho-me dedicado a leitura de bons livros desde o verdor de minha mocidade até ao presente outono de minha vida em que ora conto com 43 anos; (Nasci em Braga no dia 18 de Outubro de 1817.) Fui mandado por meus bons e saudosos pais seguir a vida comercial para Évora em 1829; e residindo aí até 1842, vim para este país diletto e magnífico em 1843; seguindo sempre a vida de comércio, tenho conservado uma paixão profunda pelas obras clássicas de nossos estudiosos mestres portugueses.¹¹

Permanece aí o aspecto autobiográfico dos documentos existentes sobre Antônio Joaquim Álvares. Buscando referências acerca de sua atuação como comerciante estabelecido no Rio de Janeiro no *Almanaque Laemmert* sabe-se de suas casas de comércio estabelecidas entre 1846 e 1862 na Rua das Violas, número 92; em 1866 na rua do Hospício, 73; em 1870 na Rua Santa Teresa, 34 e Rua das Laranjeiras, 24 A; entre 1870 e 1871 na Rua do Catete, 169. As evidências na imprensa periódica e nos relatos autobiográficos de Álvares permitem inferir que ele foi, no Brasil, um próspero comerciante. De fazendas, certamente, e que aprendeu seu ofício com o amo – expressão utilizada pelos caixeiros novos à época para se referir a seu patrão – José de

¹⁰ *Os lusos, ou a dominação em Portugal – Poema em Cinco Cantos* (Biblioteca Nacional, Obras Raras, 92,2,44); *O Jovem Emigrado Portuense* (Biblioteca Nacional, Obras Raras, 041,000,027).

¹¹ INOCÊNCIO, Francisco Da Silva. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 356.

São Paulo. Um comerciante talvez incomum: dedicado aos estudos literários e desejoso de escrever sobre o Brasil e sobre Portugal.

Ainda na imprensa periódica há notas esparsas sobre Álvares em alguns espaços do Rio de Janeiro. O *Correio Mercantil* de 30 de junho de 1862 registra que Antônio Joaquim Álvares esteve na sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para ofertar sua peça teatral, *O Jovem emigrado portuense*, e um livro raro para a biblioteca da instituição.

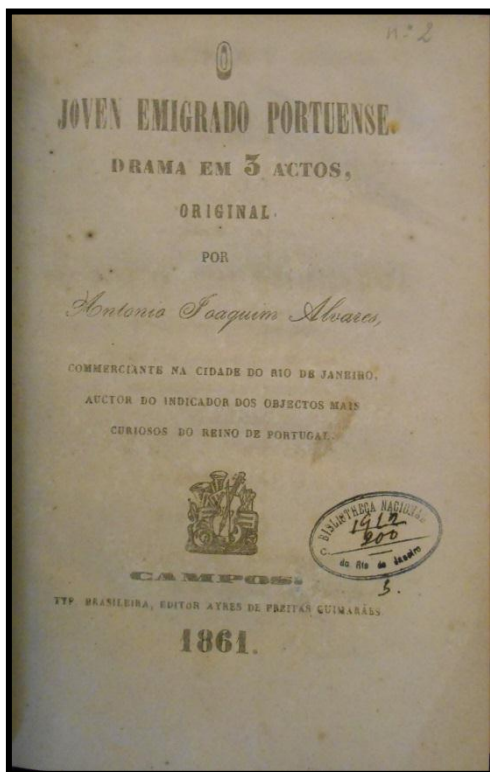


Imagem 1. Página de rosto da peça O Jovem emigrado portuense

Mesmo não sendo o foco do trabalho desenvolvido no âmbito da pesquisa realizada na Biblioteca Nacional foi recuperada a maior parte das obras escritas por Álvares que estão depositadas na BN.

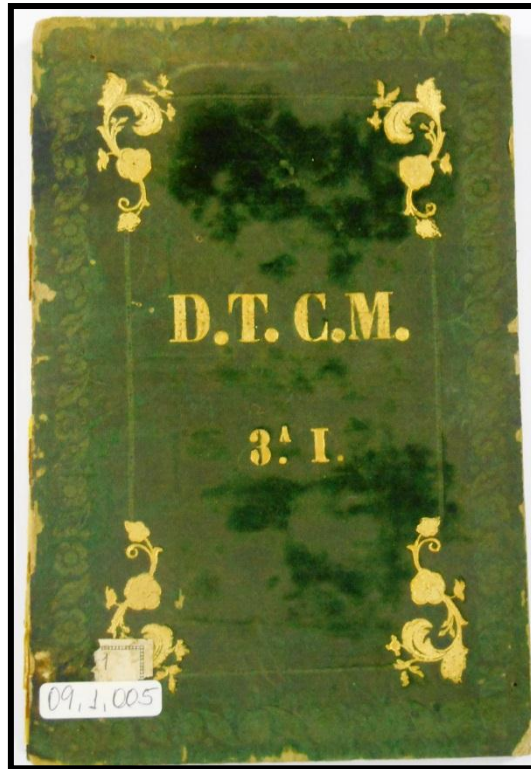


Imagem 2. Capa. Álvaro de Alvarés, Antônio Joaquim. *Coincidências Históricas de Imperatriz 3ª*.

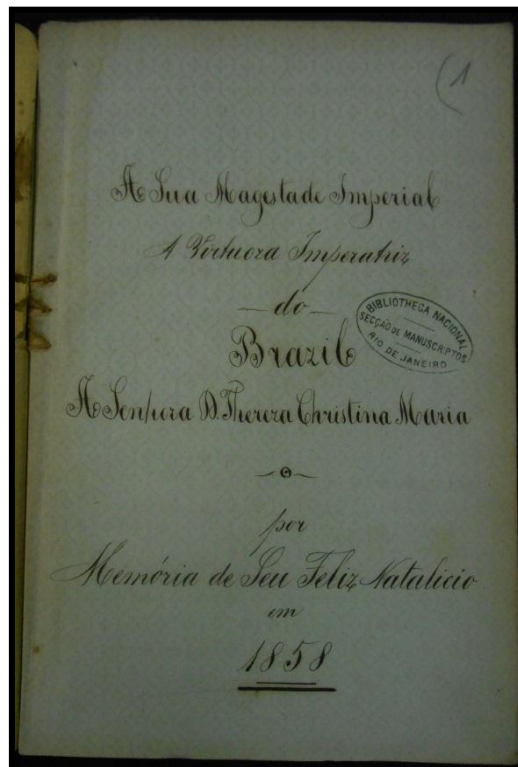


Imagem 4. Folha de rosto. *Coincidências Históricas de Imperatriz 3ª*.

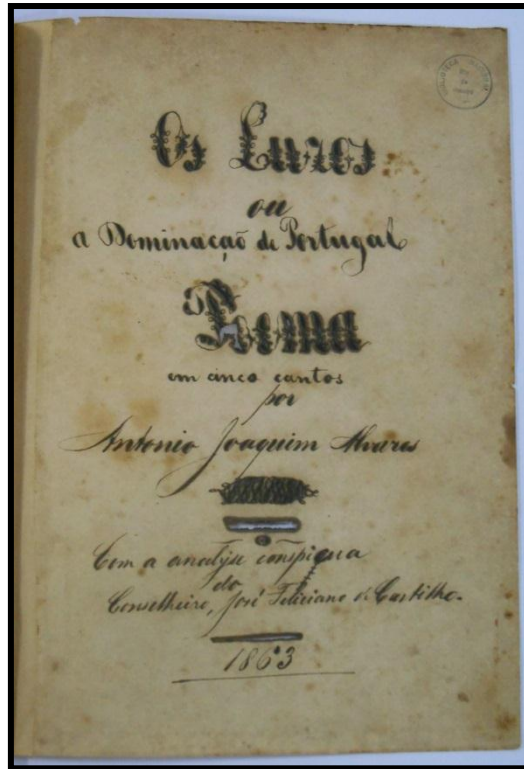


Imagem 3. Folha de rosto. *Os Lusos ou a Dominação de Portugal*..

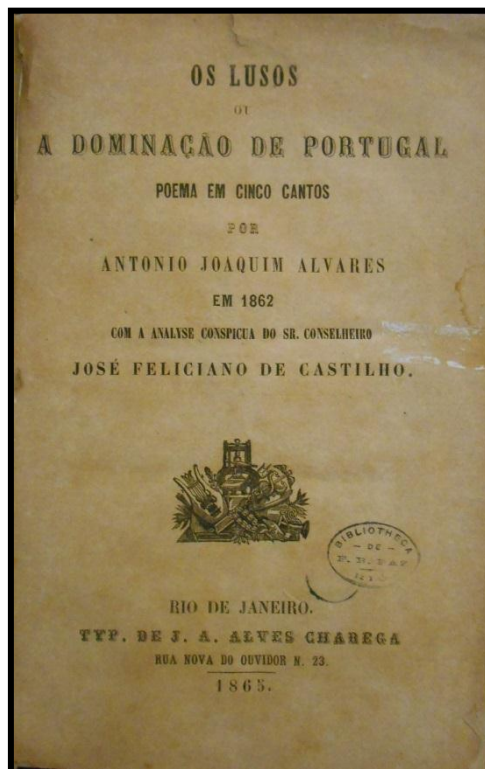


Imagem 5. Folha de rosto. *Os Lusos ou a dominação de Portugal*, poema em cinco cantos (impresso).

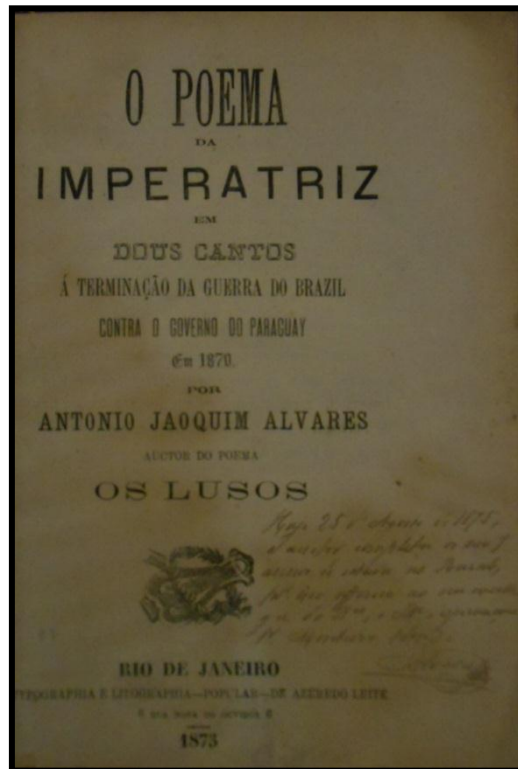


Imagem 6. *O Poema da imperatriz*: em dois cantos à terminação da Guerra do Paraguai em 1870.

A VIAGEM PELO INTERIOR DAS PROVÍNCIAS DE RIO DE JANEIRO, MINAS GERAIS E SÃO PAULO

A viagem de Álvares em companhia do negociante João José de São Paulo deve-se, certamente, à experiência deste nos caminhos que seriam percorridos e à sua atividade como negociante. Saindo da seara especulativa o certo é que o roteiro percorrido e descrito por Álvares recobre uma importante região no Brasil Império. Partindo da Corte, ele atingiu o Vale do Paraíba Fluminense (Vassouras, Valença, Resende etc) área na qual o cultivo do café já dava sinais de desenvolvimento. A fundação de vilas e arraiais demonstrava o crescimento demográfico local. Seguindo para a Zona da Mata e Sul de Minas Gerais chegou a regiões que experimentavam o avanço do café e também a decadência da economia de passagem que se desenvolvera no passado com a mineração. Atingiu posteriormente São Paulo, sendo essa a região de menor importância econômica naquele contexto, mas cuja paisagem natural e humana mostrava-se igualmente rica e diversificada nos relatos de Álvares.

Podem-se especular as motivações dessa viagem. Magda Sarat, ao analisar a prática de construir narrativas de viagens destaca o seu caráter plural:

Os conteúdos dos textos têm caráter e linguagem diferenciada, de acordo com os motivos da viagem, com a formação do viajante e com os remetentes para os quais eles eram endereçados. Alguns foram editados muito tempo depois da viagem, outros foram escritos tomando-se por base anotações de outrem, o que permite uma diversidade de interpretações. Outros são textos de caráter público ou oficial, endereçados a governos, tais como relatos diplomáticos e relatórios de expedições destinados aos órgãos de financiamento, ou foram escritos para serem publicados em jornais e revistas.¹²

Sejam quais forem as motivações de Antônio Joaquim Álvares, o fato é que seu texto permaneceu silenciado até 1863, quando foi publicado no periódico *Madrépora Portuguesa*, no Rio de Janeiro. Junto aos manuscritos estão três recortes desse periódico. Entretanto, ele recobre apenas do início do relato da viagem.

Em 1858, fundou-se na Corte uma sociedade luso-brasileira homônima ao periódico. A Sociedade Madrêpora Portuguesa foi, segundo o *Arquivo Pitoresco*, “[...] fundada por cidadãos portugueses estabelecidos no Rio de Janeiro, com o intuito de promover e popularizar a leitura dos escritos nacionais, tanto em Portugal como no Brasil”.¹³ Isso explica o interesse pelos escritos de Antônio Joaquim Álvares, dezenove anos depois de sua viagem pelo interior da região sudeste. A Sociedade Madrêpora teve seus estatutos aprovados pelo imperador d. Pedro II em 1863. Dentre suas finalidades vale destacar:

Art. 2º Os meios que empregará a sociedade para seus fins, serão os seguintes:

§ 1º Distribuir gratuitamente pelo povo jornaes de litteratura, de sciencias e artes liberaes e mecanicas.

§ 2º Auxiliar a impressão de livros de reconhecido merecimento.

§ 3º Gratificar com premios aquelles nossos artistas que mais se distinguirem nas exposições, quer nacionaes, quer estrangeiras.

§ 4º Tornar conhecidos condignamente os nossos homens illustres, principalmente os distinctos nas letras, por meio de retratos, de bustos,

¹² SARAT, Magda. “Literatura de viagem’: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros”. *Revista Patrimônio*. Vol. 7, nº2. Unesp, dez-2011, p.37.

¹³ *Arquivo Pitoresco – Semanário Ilustrado*, nº27, 1861, p.209. Periódico literário publicado em Lisboa entre 1857 e 1868. Foi mantido graças às doações da Sociedade Madrêpora. Coleção completa disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/ArchivoPN1.htm>. Acesso em 25/11/13.

etc., doados a estabelecimentos publicos, empregando neste mister artistas nacionaes. [...].¹⁴

Pesquisas aprofundadas podem revelar outras atividades de mecenato exercidas pela Sociedade. Chama atenção ainda a preocupação com a instrução através da distribuição e incentivo de impressos. A inexistência do periódico *Madrépora* nos arquivos certamente contribuiu para que a “*Descrição de Minha Viagem...*” repousasse esquecida até hoje.

Na epígrafe da publicação no *Madrépora*:

Pela bem merecida consideração que é devida a illustre classe commercial, tanto brasileira quanto portugueza, no Império do Brazil, e ainda para desafiarmos o incentivo ao trabalho agrícola dos nossos camponeses e contrerrâneos d’além-mar que tenham de vir a este paíz; encetamos no primeiro numero da *Madrépora Portugueza* a publicação de uma viagem que há 19 annos fizemos, ás províncias do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo: julgamos que agradará aos nossos estimados assignates e leitores.¹⁵

A partir da citação acima fica clara a filiação de Antônio Joaquim Álvares à classe de negociantes portugueses estabelecidos no Rio de Janeiro.¹⁶ Chama atenção que a narrativa servisse de estímulo a futuros imigrantes que desejassem vir ao país ao mesmo tempo em que era dirigido também aos negociantes brasileiros. Isso mostra que a concepção dos cadernos de viagem tenha sido, mesmo que tardiamente, a sua publicação.

As anotações de Antônio Joaquim Álvares compõem oito pequenos cadernos (21x14cm) com aproximadamente duzentas folhas no total que serviriam, ao que parece, para anotações comerciais. A descrição da viagem traz informações bastante precisas de data (ano, mês, dias), local (cidade ou vila) e distâncias (léguas em relação a Corte) feitas nas margens dos cadernos. Em 4 de março de 1844, o português inicia sua viagem e assim registra na abertura dos cadernos:

Com a noite e a madrugada do dia segunda-feira [...] sahimos da cidade e côrte do Rio de Janeiro em direcção á Villa de Vassouras, seguindo pela estrada de São Christóvão, até o Rancho do Firmino, á 5

¹⁴ Coleção de Leis do Império do Brasil. Vol. 1. 1863, p. 211.

¹⁵ Seção de Manuscritos. Localização II-31,22,2 n. 002 (recorte avulso). Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

¹⁶ Sobre a presença de comerciantes portugueses no Rio de Janeiro ver: GORENSTEIN, Riva. “Comércio e Política: o enraizamento de interesses mercantis portugueses no Rio de Janeiro (1808-1830)”. In: MARTINHO, Lenira, GORENSTEIN, Riva. *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993.

léguas de distância da côrte; apresentando esta estrada ao vindante o mais excellent commodo que é possível desejar, em, consequencia de sua magnífica planície, e bella e agradável paisagem, acompanhada de muitas habitações campestres e agrícolas, muito principalmente até o povo chamado - Pavuna - com porto de mar aonde se encontra linda e agradável perspectiva.¹⁷

A descrição informa o estado da estrada e registra a paisagem ao longo do caminho. Antônio Joaquim Álvares e Joaquim José de São Paulo viajavam com dois animais de carga. Descansavam quase sempre em casa de portugueses e fica evidente na narrativa que Álvares acompanhava o negociante São Paulo que percorria o trajeto fazendo contatos comerciais. A viagem prosseguia:

[...] seguimos em direção a Villa de Vassouras com nove léguas de viagem aonde chegamos ás duas horas e meia da tarde desse 2º dia; esta Villa hé muito pequena e sua perspectiva nada offerece de lisongeiro, fica em abaixo de um Morro ou Outeiro, e tem huma Igreja Matriz em Obra quase completa; edificio que depois de prompto poderá merecer ali admiração, pois toda a sua baze e arquitetura é feita de cantaria de lindo formato. Junto da Villa há grandes fazendas com caffezaes plantados pelos Morros ou Outeiros.¹⁸

Em Vassouras, os viajantes se demoram quatro dias. Dado o desenvolvimento que o local experimentava, impulsionado pelo café, as oportunidades de negócios deveriam ser boas. Ali também se encontraram com imigrantes portugueses. Os negócios no vale do Paraíba pareciam promissores e os dois ali se demoram por mais de uma semana visitando várias vilas que despontavam por conta da riqueza do café.

No dia 7 segui eu só viagem acompanhado de hum guia chamado Marcelino, em direção á Villa do Pirahy, onde chegamos as duas horas e meia da tarde com oito leguas desde Vassouras, sendo a estrada sufrível ás Margens dos rios Parahiba e Pirahi que entra ao lado desta Villa e de que toma seu nome; há só d'alguma consideração pelo caminho, a linda Caza de Campo de hum abastado fazendeiro Portuguez denominado Lucio, distante da Villa hum quarto de legua; na verddade hé rica e de um gosto semetrial a europea; a Villa hé melhor que a de Vassouras, por ter já muito construidos predios altos boa matriz.¹⁹

¹⁷ Seção de Manuscritos. Localização II-31,22,2 n.01, fl.01. Optou-se por manter a grafia original do manuscrito para este artigo.

¹⁸ *Idem, Ibidem*, fl. 7v.

¹⁹ *Idem*, fl.8.

Alguns dias depois rumaram para a Vila de Valença. No caminho novamente temos a descrição da paisagem natural e humana e juízos sobre as condições das estradas:

Dia 18 seguimos nossa viagem em direção á Villa de Vallença em distancia de 41/2 leguas, onde chegamos as 3 horas da tarde por haver sahido da Villa de Vassouras as 10 da manhã; já acompanhados de hum Guia ou camarada chamado Jozé Soares, dessendente de Indígenas ganhando cada mez 20 (mil réis): esta extrada hé sofrivel e com amiudadas habitaçoens de fazendeiros; tendo na distancia de legua e meia de Vassouras, a linda habitação do Marquez de Biapendy [sic]; grande caza de campo porem não muito nova, ficando colucada na outra Margem do Rio Parahiba que junto della passa; servindo neste de passaigem huma bem formada e grande ponte de madeira, a onde cada viandante a cavallo paga 60 (réis); esta situação hé agradável, mas muito mais o hé a boa extrada que da hi segue, sercada hum e outro lado de guandes arbustos formando verdes lamedas athe ao rancho ou pouzo denominado Quirino a tres leguas de distancia da Vila de Vassouras de onde então se comessa a sobir a ingreme Serra denominada de Vallença [...]²⁰

Álvares também se ocupa em descrever a flora dos lugares por onde passa. Já na província de Minas Gerais, escreve:

Tivemos momentos de perder-nos em nosso sonho o lindo horizonte, motivado por causa do estreito caminho que pisava-mos, ser arquiado com abauladas abóbodas de altíssimos arbustos e groços troncos d'arvores, d'hum grandecissimo merecimento Marcinário! Como o Guaretá, o Sapucaia! O Barahuna! O Sedro! O Jaracatuá! O Olio! E o Jacarandá, e outras madeiras preciosíssimas [...].²¹

Alguns costumes típicos também aparecem na narrativa como este ao serem recebidos por um fazendeiro na Vila de Ubá em Minas Gerais:

[...] antes de chegar ao Arraial ou povo do Ubá, 1 legua, nos pedimos pouzada na fazenda do Senhor Antônio Soares, que nos foi logo consedida, e nos recebo com boas demonstraçoens, mandando-nos dár logo o competente caffè seguindo o costume da quelles contornos e depois servindo-nos por seu escravo, d'agua morna para lavarmos os pés antes mesmo de nos conduzir á meza para seiar [...].²²

A descrição da riqueza de variedades de madeiras aponta para sua utilização pela marcenaria. A narrativa é marcada por uma forte visão utilitarista do território e das

²⁰ *Idem* f.8/8v.

²¹ *Idem, Ibdem*, fl. 11.

²² *Idem*, fl. 28 e 28v.

riquezas naturais ao mesmo tempo que serve de propaganda aqueles que se interessarem pela região percorrida.²³ Os tipos sociais também merecem a atenção:

Por estes lugares tivemos ocasião de ver e prezenciar alguns Indios Selvagens [...] já domesticados, professando a nossa santa sublime crença e servindo como de escravos dos dignos fazendeiros que tanto cooperão para levarem a civilização áqueles errantes e vagabundos viventes!²⁴

O viajante tinha uma preocupação em construir uma imagem positiva do Brasil, quase sempre elogiosa quanto aos lugares e aos tipos humanos. Talvez a visão pejorativa acerca dos indígenas estivesse em contraste com o futuro movimento romântico da literatura nacional, mas evidencia que o pensamento do caixeiro não foge a sua época.

Quando de sua primeira publicação, a narrativa serviria como uma espécie de guia. Deveria ser útil aos conterrâneos portugueses que viessem ao Brasil, ou mais ainda, servir como uma boa propaganda do país aqueles que desejassem sair de Portugal e vir ganhar a vida, como ele, no Brasil. Essa narrativa se junta a inúmeras outras que já conhecemos, mas guarda sua peculiaridade na figura do jovem caixeiro-escritor.

²³ Sobre essa temática ver: MUNTEAL FILHO, Oswaldo. “A academia Real de Ciências de Lisboa e o Império Colonial Ultramarino”. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.) *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens do Império Ultramarino português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

²⁴ *Idem, Ibidem*, fl. 12.

Bibliografia geral

Obras de Antônio Joaquim Álvares

Manuscrito

Discrição de M^a Viagem ás Provin. Do Rio de Jan^o Minas S. Paulo, no Imperio do Brazil, em comp^a do Snr. João Jozé de S. Paulo, Negociante em Loja de fazendas na Rua da Quitanda n^o 155. 1844. Seção de Manuscritos. Localização II-31,22,2 n^o1. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Coincidencias Historicas de Imperatriz 3^a. Rio de Janeiro: Original Manuscrito, 1858, 10p, Coleção Tereza Christina Maria. Manuscritos. 09,01,005.

Os Lusos ou a Dominação de Portugal. Álvares, Antônio Joaquim. Rio de Janeiro. Exemplar manuscrito, 1863 (inclui correspondências). Manuscritos. 02,1,032.

Impressa

O Jovem emigrado portuense: drama em três atos. Campos dos Goytacazes: Tipografia Brasileira, 1861. Obras raras 041,027

Os Lusos ou a dominação de Portugal, poema em cinco cantos. Rio de Janeiro: Tipografia de J. A. Alves Charega, 1865. Obras raras 92,2,44.

O Poema da imperatriz: em dois cantos à terminação da Guerra do Paraguai em 1870. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia Popular de Azevedo leite, 1873. Obras raras.

Secundária

BELUZZO, A. M. *A propósito d'o Brasil dos viajantes*. USP/Coordenadoria de Comunicação Social. Universidade de São Paulo. Número 30. ISSN 0103-9989, Junho/Julho/Agosto, São Paulo: USP, 1996.

BERNARDO, Luis Miguel. *Cultura Científica em Portugal: Uma Perspectiva Histórica*. Porto: U. Porto editora, 2013.

CYPRIANO, Paula Leitão. "Imigração, negócios e poder: promoção social e projeção política dos imigrantes portugueses na sociedade carioca 1850-1870". Encontro ANPUH 2008. Rio de Janeiro, 2008.

FLEXOR, Maria H. *Abreviaturas, Manuscritos do século XVI ao XIX*. São Paulo: Editora Unesp/Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

GASPAR, Lúcia. *Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2014.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1956.

LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem: 1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

LINHARES, Maria Yedda (org). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

LISBOA, K. M. “Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX”. In: MOTA, C.G. (Org.). *Viagem incompleta*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MATTOS, Ilmar R. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2011.

MULLER, Elisa. “A organização sociocomunitária portuguesa.” In: LESSA, Carlos (org). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. “A academia Real de Ciências de Lisboa e o Império Colonial Ultramarino”. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.) *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens do Império Ultramarino português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

PESSOA DOS SANTOS, Ana Maria. “De caixeiro a barão: trajetória de um comerciante português no Rio de Janeiro oitocentista”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 5, p. 97-112, 2011.

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. São Paulo: USP/Itatiaia, 1980.

ROEDEL, Hiran. “Comunidade portuguesa na cidade do Rio de Janeiro.” In: LESSA, Carlos (org). *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

SARAT, Magda. “‘Literatura de viagem’: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros”. *Revista Patrimônio*. Vol. 7, nº2. Unesp, dez-2011.

